

Depois da Migração, o Reencontro

Maria Inês Ladeira

Antropóloga/CTI

OS ENCONTROS DOS GUARANI DA REGIÃO NORTE COM OS DO LITORAL SUDESTE E SUL TÊM PROPICIADO, AOS PRIMEIROS, A REVITALIZAÇÃO DE FORMAS DE EXPRESSÃO GESTUAL E LINGÜÍSTICA. JÁ PARA OS SEGUNDOS, A MEMÓRIA DOS “ENSINAMENTOS” GUARDADOS PELOS ANTIGOS INTEGRANTES DO GRUPO MIGRATÓRIO QUE SE DIRIGIU AO NORTE DO PAÍS É FONTE DE SABEDORIA E REVIGORA SUA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA

Após a Guerra do Paraguai, ao final do século XIX, quando os povos indígenas habitantes da região fronteira com o Brasil - Guaná, Kadiwéu, Paiaguá, Guató, entre outros – eram deslocados de seus territórios de ocupação tradicional pelo estabelecimento de ex-combatentes procedentes de diferentes regiões do Brasil, um grande grupo Guarani, formado por três núcleos familiares, deixou suas aldeias no Paraguai e, tecendo uma rota migratória inédita, com relação aos registros históricos e etnográficos, atravessou a região Centro do Brasil, rumo ao Norte, em direção ao mar de Belém. *“Antigamente nós passamos em grandes cidades (...). Passávamos pelas cidades, e ficávamos nos matos. Nossos antigos avós que eram pajés tiveram uma revelação para a gente atravessar Paraguaxu (mar). Então Nhanderu (nossos Deuses) abriram esse caminho, eles abriram o caminho para nós passarmos para o outro lado, yy marãey (“terra sem mal”). (...) E em todos os lugares que eles paravam, eles plantavam. Eles plantavam avaxí (milho), manduí (amendoim), jety (batata doce). E eles andavam pelos matos, caçavam, pescavam... Eles andaram muito e, nessa época, eles conseguiram chegar no amba (lugar sagrado) de Tupã, em Belém”.* (D. Benedita, Aldeia Nova Jacundá - PA, 2004).

Conforme seu Raimundo (aldeia Guarani de Mãe Maria, 1995), as famílias Guarani que vivem na região Amazônica (Pará – Tocantins – Maranhão) são descendentes do grande grupo liderado pelo “capitão” Manoel Rodrigues. Após a morte de Manoel Rodrigues, em maio de 1966, os grupos familiares se dispersa-

ram pela região, cada grupo procurando a sua sorte porém de forma bastante similar. Depois de um século na região, os Guarani ainda não haviam se fixado num local “próprio”. Formavam suas aldeias em “terras de particulares”, para quem trabalhavam temporariamente, ou em Terras Indígenas de outros povos para quem também trabalhavam. Dessas relações e formas de vida, decorreram uniões com outras etnias.

A postura dos Guarani que vivem na Amazônia em relação ao domínio da terra era similar à dos Guarani do Sul e Sudeste brasileiro: da terra, bem precioso e vital, queriam o usufruto, mas nunca haviam “brigado” por limites, o que os levou à crítica situação atual. Com o passar do tempo os conflitos decorrentes das privatizações e formação de grandes latifúndios na região se acirraram, restando poucas alternativas para os Guarani viverem ao seu modo. Por não ocuparem uma Terra própria, até 1996, os Guarani não eram oficialmente reconhecidos como povo indígena da região.

Além das “terras de particulares”, os Guarani viveram no Norte, em terras de outros povos indígenas, entre os Guajajara às margens do Rio Pindaré - MA, de onde foram “expulsos” em 1989, entre os índios Gavião da TI Mãe Maria - PA (1989-1996), junto aos Xerente, em Tocantins e com os Karajá em Xambioá. Somente em 1996, com o apoio do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), os Guarani conseguiram formar a Aldeia Nova Jacundá (PA), onde vivem com exclusividade, consolidando essa sua ocupação como Terra Indígena. Nessa Terra Guarani, reuniram-se os familiares de Seu Raimundo, falecido em 1998, e outro grupo de sua parentela, constituído por cerca de 10 famílias nucleares (Guarani, Xerente e descendentes de casamentos mistos) que viviam em Xambioá. Entretanto em razão de uma cisão política entre seus líderes esse grupo formou com apoio da AER Funai a aldeia Guajanaíra, no município de Itupiranga (PA).

João Guarani, da Aldeia Nova Jacundá (2004), conta, no entanto, que esse processo de migração e relacionamento com outros povos não fez com que perdessem a linguagem e a tradição: *“Aí então moramos em Bacurizinho (MA). Até aqui não sabíamos que nós éramos índios. Sabíamos que éramos pessoas diferen-*

tes dos brancos, mas não que éramos índios, muito menos se éramos Guarani Mbyá ou Kaiová. Mas nós sempre falávamos a nossa linguagem... Eu cantava para outras crianças, filhos dos brancos, na nossa linguagem, cantava as músicas que minha avó cantava para eu dormir. E eu ganhava presentes, roupas, alguma coisa para levar para casa. Nossos pais nos contavam de nossas tradições, crenças e costumes, na nossa língua. E eles nos pediram que nunca deixássemos os nossos costumes e valores pelas coisas dos brancos. (...)"

REENCONTRO

Isolados das demais aldeias Guarani das regiões Sul e Sudeste do Brasil, tanto pela distância geográfica, como pelo destino que os manteve longo tempo separados, os Guarani que vivem no Pará construíram sua história de uma forma muito particular agregando experiências e modos de produção de acordo com as exigências e condições dos ambientes e clima peculiares da região amazônica, tão diferentes daqueles do sul do continente, onde vive a maioria da população Guarani. O contato desse grupo familiar com as demais aldeias do Brasil iniciou-se somente em 1988/89, quando tomaram conhecimento da existência de aldeias Guarani nas regiões Sudeste e Sul. Ao conhecerem aldeias em São Paulo e Rio de Janeiro algumas relações foram estabelecidas entre elas, apesar das distâncias e dificuldades não possibilitarem a inserção dos Guarani que vivem na Amazônia na ampla rede de reciprocidades vigente entre as comunidades das regiões Sul e Sudeste do Brasil, nordeste da Argentina e leste do Paraguai.

Devido ao isolamento em relação às demais comunidades, os Guarani que vivem hoje em Jacundá guardam e transmitem os conhecimentos herdados por seus pais Raimundo e Benedita, que por sua vez reproduziam aqueles ensinamentos aprendidos de seus avós que vieram para o Norte do Brasil no final do século XIX. Muitos desses ensinamentos, pelo desuso e não atualização em decorrência da história de vida do grupo, estavam vivos apenas na memória dos mais velhos. Os encontros dos Guarani da região Norte com os do litoral Sudeste e Sul têm propiciado, aos primeiros, a revitalização de formas de expressão gestual e lingüística. Já para os Guarani do Sul, a memória dos antigos "ensinamentos" guardados desde o Paraguai pelos mais velhos integrantes do grupo migratório conduzido por Manoel Rodrigues, é fonte de sabedoria e revigora sua própria experiência.

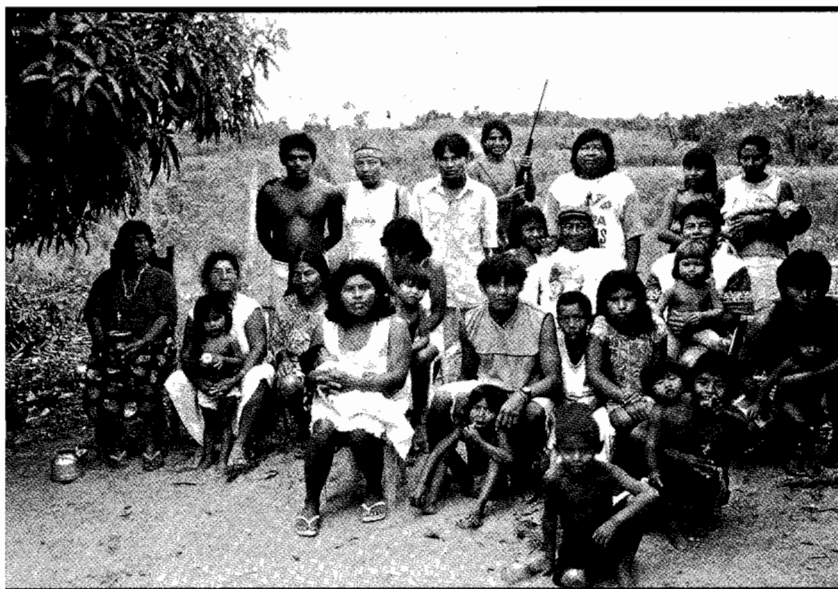
Em 2004, lideranças Guarani de aldeias de São Paulo, com o apoio do CTI, conseguiram retribuir a visita dos Guarani da Aldeia Nova Ja-

TERRAS GUARANI NO PARÁ

A Aldeia Nova Jacundá localiza-se no município de Jacundá no Estado do Pará, distante cerca de 30 km do centro do município e 18 km da rodovia BA, na altura do Km 60, a partir de Marabá. Compreende cerca de 420 ha onde vivem, atualmente, perto de 100 pessoas. Parte da comunidade dessa aldeia, formada por outro grupo familiar, mudou-se para o município de Itupiranga onde, em 2004, formaram a Aldeia Guajanaíra, distante 180 km de Marabá e 250 km da Aldeia Nova Jacundá. As duas Terras Indígenas estão sob administração da Administração Executiva Regional da Funai de Marabá (AER/PA). Essa AER responde por uma população de cerca de 3.800 indígenas distribuída em 21 aldeias compostas de 11 etnias: Anambé, Amanané, Assurini, Surui, Guarani, Guajajara, Aticum, Kaiapó, Xikrin, Parakanã, Cavião (grupos Krikateje, Parkateje, Kateje).

Quanto ao ambiente, as florestas amazônicas são de três tipos: florestas montanhosas andinas, florestas de terra firme e florestas fluviais alagadas, as duas últimas na Amazônia brasileira. A maioria dos 7 milhões de km² da Floresta Amazônica é constituída por uma floresta de terra firme. Essa é uma floresta que nunca é alagada e se espalha sobre uma grande planície de até 130/200 metros de altitude, até os sopés das montanhas. A Aldeia Nova Jacundá se insere no ambiente dessa floresta. No tempo da seca, o problema maior é a falta de água pois o rio Jacundá, que atravessa a aldeia, fica com seu nível muito baixo.

cundá. Durante a semana em que permaneceram puderam ver, pela primeira vez, na mata do interior da aldeia espécies de palmeira e frutos bem diferentes daqueles da Mata Atlântica aos quais estão habituados. Também conheceram as roças de milho e mandioca, identificaram ervas medicinais e conheceram paisagem e clima novos. A diferença climática entre as regiões Amazônica e Sudeste/Sul faz com que as atividades – caça, pesca, plantio, colheita, construção de casas – realizadas pelas comunidades Guarani do norte e do sul não sejam coincidentes quando referenciadas ao calendário oficial. (junho, 2006)



Guarani da aldeia Nova Jacundá, no Pará.